

NUTRIÇÃO E COMPORTAMENTO VEGETATIVO DE PITANGUEIRA CULTIVADA EM DIFERENTES ESPAÇAMENTOS

Luciano Picolotto¹; Ivan dos Santos Pereira¹; Rodrigo Cezar Franzon²; Michél Adrighi Gonçalves³; Luis Eduardo Corrêa Antunes²

¹Eng. Agrôn., Dr., Bolsista PNPd/Capes da Embrapa Clima Temperado Pelotas, RS, Bolsista Capes PNPd, picolotto@gmail.com, ivans-pereira@gmail.com.

²Eng. Agrôn., Dr., Pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS, Bolsista CNPq, rodrigo.franzon@embrapa.br, luis.antunes@embrapa.br.

³Eng. Agrôn., estudante de pós graduação Universidade Federal de Pelotas-RS, e-mail: aldrighimichel@gmail.com

A pitangueira (*Eugenia uniflora* L.) é uma espécie que ocorre naturalmente em algumas regiões do Brasil, no entanto, o seu cultivo ainda é limitado e poucas são as informações sobre técnicas de manejo mais adequadas. Neste sentido, o objetivo do experimento foi verificar a influência do espaçamento de plantio na nutrição e no desenvolvimento vegetativo da pitangueira. O trabalho foi realizado na Embrapa Clima Temperado, em Pelotas - RS no pomar experimental de pitangueira, utilizando a seleção PIT 15 do Programa de Melhoramento Genético, implantado no ano de 2006. O delineamento utilizado foi o de blocos casualizados, com cinco repetições, sendo cada parcela constituída de cinco plantas, com o fator espaçamento apresentado quatro níveis (1,0 m x 5 m; 1,5 m x 5 m; 2,0 x 5 m e 2,5 m x 5 m). Avaliou-se o teor foliar de nitrogênio (N), fósforo (P), potássio (K), cálcio (Ca), magnésio (Mg), ferro (Fe), manganês (Mn), zinco (Zn) e cobre (Cu), e o comprimento dos ramos secundários. Para análise nutricional coletou-se na primeira quinzena de junho, 100 folhas por repetição. Para avaliação do comprimento foram mensurados todos os ramos secundários, em abril de 2013, de um ramo por planta com diâmetro entre 10 e 11 mm em três plantas/repetição. Os resultados foram submetidos à análise de variância, sendo que posteriormente, variáveis com diferenças significativas para o fator quantitativo foram submetidas à análise de regressão. De acordo com os resultados observou-se que não há efeito do espaçamento de plantio na quantidade de nutrientes das folhas para os elementos N, Ca, Mg, Fe, Mn, Zn e Cu, nos quais as médias foram 1,0%, 2,6%, 0,35%, 44,9 mg Kg⁻¹, 29,7 mg Kg⁻¹, 16,3 mg Kg⁻¹, 11,5 mg Kg⁻¹, respectivamente. Porém, os elementos fósforo e potássio foram influenciados pelos espaçamentos de plantio, tendo ambos os nutrientes apresentado uma resposta significativa (P= 0,00067 e 0,02, respectivamente) e um comportamento linear positivo (R²= 0,93 e 0,76, respectivamente) em função do aumento do espaçamento entre plantas, estimados pelas equações obtidas ($y = 0,09x + 0,07125$ e $y = 0,114x + 0,9205$, respectivamente). Por outro lado, na variável comprimento dos ramos secundários não se observou efeitos significativos dos diferentes espaçamentos, tendo em média atingido 4,0 cm. Os resultados ainda que preliminares, são importantes, pois indicam que para a maioria dos nutrientes é possível um adensamento de plantas sem afetar a concentração foliar dos mesmos. Por outro lado o adensamento propiciou maior absorção de fósforo e de potássio, sendo que para o manejo da adubação desses nutrientes há a necessidade de desenvolver experimentos com curvas de calibração para obtenção das doses adequadas. Assim, conclui-se que o desenvolvimento vegetativo, não é afetado pelo espaçamento de plantio, possibilitando o adensamento de plantas e que em relação ao aspecto nutricional especial atenção deve ser dada ao manejo das adubações fosfatada e potássica.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro e bolsas de estudo concedidas.